

LUX JORNAL REPORTES LTDA.
SUC. BELO HORIZONTE
PCTR 0584

HOJE

Cultura

TERÇA-FEIRA, 29/5/1990 □ PÁGINA: 27

□ ENTREVISTA/M. NASCIMENTO

Povos da floresta inspiram novo LP de Milton

MARCELO RIOS
REPÓRTER

□ As lojas de todo o país recebem, quinta-feira, 31, o 22.º LP do cantor e compositor Milton Nascimento. O disco é fruto de um trabalho que teve início em maio de 89, quando Milton abriu espaço, num show em São Paulo, para que a UNI (União das Nações Indígenas) e o Conselho Nacional dos Seringueiros comunicassem ao povo da cidade a aliança que acabavam de celebrar no 1.º Encontro dos Povos da Floresta.

Em setembro passado, acompanhado de músicos e técnicos, e levando um estúdio ambulante, Milton subiu o Rio Jurua, um afluente do Amazonas, partindo de Cruzeiro do Sul, no Acre, até a fronteira com o Pe-

Vamos partir da viagem por Jurua, o pequeno afluente do Amazonas, e o seu contato com os índios, seringueiros e ribeirinhos. O que significou esta descoberta?

Foram dezoito dias de passeio de reconhecimento pelo Rio Jurua. A gente ia conhecendo, parando nas beiradas do rio, conversando com os nativos e descobrindo cada pedaço daquela vida. Eu me senti muito feliz, achava-me um verdadeiro Guimaraes Rosa. Para começar, poderia dizer do fascínio que tive por aqueles povos. Eles são impressionantes. A inteligência, a sagacidade e a tenacidade não delimitam idade. Tanto o homem velho como a criança vivem a poesia. Tudo neles é poesia, até a dor. Conhecer de perto a vida dos seringueiros, índios e ribeirinhos, é uma verdadeira loucura. Me bateu muito.

A partir daí, como desenvolveu o seu trabalho?

Quando voltei ao Rio, depois de repetir as experiências da viagem para os amigos, parti de vez para a conversa com os parceiros do disco. Foi falando com eles sobre tudo isso, o tema que eu buscava, que era justamente traduzir o que vi e ouvi por lá.

Quem já ouviu o disco percebe que você está inaugurando um novo ciclo na sua carreira. É isso?

Realmente. Essa história de você ver de perto esse pedaço do Brasil mexeu definitivamente com minha cabeça. Tudo que vi e conheci não caberia em um só disco. Então, digo desde já que poderão pintar coisas novas, novos trabalhos e, quem sabe um novo disco também.

"Txai" não é disco comercial. Acredita na sua vendagem?

Concordo mais uma vez, o disco não é lá tão fácil de ser comercializado. Eu estou inovando, pus índio para cantar e coloquei também letras indígenas. Sei que vou causar impacto. Para comercializá-lo e tê-lo tocando em rádio, vou precisar desenvolver um trabalho muito grande, junto à CBS. Não acredito que as músicas com temas indígenas serão tocadas em rádio, mas o disco deve sair bem. A gente pega carros-chefes como "Coisas da Vida", que a Globo está usando na sua novela das oito — e que não tem nada a ver com o disco, com as coisas do disco —, e vamos por aí. Temos de usar estes meios oferecidos para a divulgação. É o disco com a música da novela das oito da Globo, pronto, já vende. Para mim, o mais importante é que muita gente ouça o LP. Mais gente tem de conhecer a mensagem que ele quer passar. As pessoas aqui da cidade vivem muito de análises, mas o essencial da vida ainda é muito obscuro, e o pessoal da floresta tem muito que nos ensinar.

A ecologia virou moda. Sting passou o braço no Raoni e rodou o mundo. Houve até quem o criticasse, por estar fa-

ru. Foram 18 dias de aventura, conhecendo índios, seringueiros e ribeirinhos. Milton dormiu em redes e foi anunciado como o "cantor famoso".

Descoberto o novo mundo, o artista voltou ao Rio de Janeiro, colocou toda a sua experiência em canções com grande inspiração indígena e batizou seu novo trabalho de "Txai", que significa um tratamento de respeito: "companheiro", "uma metade de mim", palavra da língua dos índios Kaxinawa, da Amazônia ocidental, um dos povos visitados pelo ecológico cantor mineiro, que promete levar suas vozes para todo o mundo. Na entrevista que se segue, Milton Nascimento fala sobre suas experiências com o "povo da floresta" e os resultados do novo disco.

□ Aqueles povos são impressionantes. Conhecer de perto a vida deles é uma verdadeira loucura. Quando voltei ao Rio, parti de vez para a conversa sobre o disco

zendo publicidade gratuita. Os roqueiros ingleses defendem Mandella e as florestas tropicais. Há quem pense que você chegou tarde na área. Fale do seu namoro com o ecológico, que não é de hoje.

Desde 1973, com o LP "Milagre dos Peixes", eu tenho essa preocupação ecológica e com os povos da América. Em '76, com a música "Promessas do Sol", do LP "Geraes", mais uma vez eu mostrava meu lado indígena. Depois, veio o "Clube da Esquina II", com "Canoa Canoa", que falava dos avacoeiros, e mais tarde foi a vez da música "Testamento", uma verdadeira reverência aos rios e às águas. Em "Iauaretê", a capa era ilustrada com uma onça e a música "Planeta Blue" retomava a ecologia. Não é de hoje que exploro o tema. Por outro lado, não concordo com quem fala do Sting. O mais importante é que ele e o Raoni botaram a Amazônia na boca do mundo. Quanto mais gente fizer isto, melhor.

As cidades não o comovem mais? Por que o urbano não aparece no seu trabalho?

O que me emotiva mesmo é o relacionamento entre as pessoas, que está cada vez mais desgastado, o homem está triste, desconfiado um do outro. Então, quando ponho isto nas canções, entra tudo, o homem, as cidades e suas inter-relações. É claro que eu gostaria também de falar da poluição, das praias, das cidades, mas eu sou um só, né? Assim, as coisas vão pintando aos poucos. Mas, por enquanto, o que tem aparecido mais é esse caos, fruto da falta de solidariedade.

No momento se fala muito na internacionalização da música brasileira, tipo "fulano foi lá fora e fez o maior sucesso". Como é para você a repercussão do seu trabalho lá fora? Qual o seu público? "Txai" é um trabalho voltado para a internacionalização da linguagem indígena?

O que eu penso é que o disco vai causar um impacto muito grande lá fora. Primeiro, porque é a primeira vez que um compositor foi gravar na própria aldeia, junto dos índios, e isso vai chamar muito a atenção. Foi como fez o Paul Simon com a nossa música. Ele veio buscar nosso ritmo e levou-o para o exterior. Eu estou fazendo este mesmo caminho. Fiz o disco pensando muito nisso e espero que ele vá chegar a um público bem maior que meus outros LPs. Aproveitando a pergunta, eu gostaria de falar de quatro participações especiais no meu novo LP. Primeiro, quero falar de um



Milton Nascimento destaca a participação de Davi Yanomani em seu mais novo elepe, Txai, que chega quinta-feira às lojas de todo o Brasil

curimim (pequeno índio) da aldeia Kampa, que conheci no Acre. Ele foi meu melhor amigo e fez uma canção para ele. Eu queria uma criança para cantar esta música, queria a voz de criança mesmo, e achei um curimim aí em Belo Horizonte, o Leonardo Bretas, e o resultado foi ótimo. Quero lembrar também os nomes de Marliu Miranda e de Davi Yanomani, que participa do disco por razões óbvias. Para fechar, tem também o ator americano River Phoenix, que eu conheci através de um filme. Senti no jovem ator um sexto sentido que me bateu muito forte. Mais tarde, através de um telefone, fui descobrir que ele, que hoje tem 19 anos, desde os seus sete anos é um batalhão das causas ecológicas. Assim, ele fez um texto e o lê no disco, com fundo de uma música indígena. (River Phoenix viveu Harrison Ford jovem, no filme "Indiana Jones e a Última Cruzada").

Desde "Miltons", seu últi-

□ O Sting e o Raoni puseram a Amazônia na boca do mundo. Quanto mais gente fizer isto, melhor

mo LP, você tem buscado uma música mais experimental, mais livre, voltada para o jazzístico. Foi fruto do seu trabalho com Herbie Hancock ou você realmente tem tentado um enxugamento da sua música, ao contrário das superproduções?

"Miltons" nasceu da vontade de fazer o que a gente chama de "um disco de cama". Você faz o que dá vontade de cantar naquela hora. O Herbie Hancock disse com estas palavras: "Minhas mãos se recusam a sair do Brasil sem tocar com o Milton Nascimento". Então eu corri para o Rio e entrei com ele para o estúdio, sem nenhuma preocupa-

ção. Ele falava "vamos fazer isso". E nós fazíamos. "Vamos tocar isso". E nós tocávamos. Fizemos o que pintou na hora e não me arrependo de nada. São coisas que surgem apenas numa oportunidade, sem ser programado.

No seu último show, aqui no Minascentro, você chamou o Fernando Brant no palco, abraçou-o e referiu-se a ele como seu grande e eterno companheiro. As linguagens ferinas, no entanto, falavam de uma separação da dupla. Isso realmente aconteceu? Se aconteceu, como foi a reaproximação?

Eu e o Brant nunca estivemos afastados um do outro. O que acontece é que eu viajo demais, às vezes passo 200 dias do ano fora do país, mas em todos os meus discos há a participação dele. Assim como agora tenho novamente a participação do Márcio Borges, outro grande companheiro, do Ronaldo Bastos e do Caetano, com quem fiz a belíssima "3ª Margem do Rio",

inspirada em Guimaraes Rosa. Não tem distância nenhuma entre o Fernando Brant e eu. Isso é fofoca de mineiro.

Por falar em Minas, em 1983 você lançou o Celso Adolfo e o Tadeu Franco. De lá para cá você tem observado a música mineira? Cita algum nome? Lançaria mais alguém?

Acho Minas Gerais um lugar extremamente musical, talvez o maior de todo o Brasil. Só que o mineiro é muito descansado para o meu gosto. Hoje em dia, teria várias pessoas que eu gostaria de lançar para o Brasil, só que digo também que pensaria duas vezes antes de fazer isto. A gente lança alguém e busca uma resposta, só que não é assim que sempre acontece. Com o Uakti, por exemplo, valeu a pena. Eles tiveram minha força e corresponderam, se lançaram para o Brasil e também para o mundo. Hoje, entretanto, prefiro não arriscar e ficar quieto no meu canto.

□ A MPB E O MOMENTO DO BOTE

Disco tem boas chances no mercado externo

KIKO FERREIRA
CRÍTICO DE MÚSICA

Impossível ouvir "Txai", o novo LP de Milton Nascimento, sem, a priori, situá-lo dentro de um momento particular da música internacional. É hora de a música brasileira se firmar, definitivamente, como opção num mercado saturado. Milton é um dos artistas mais cotados para tomar a frente desse salto, pela sofisticação e, ao mesmo tempo, "brasilidade" de seu som.

Enquanto isso, medalhões como Sting e Peter Gabriel estão há um bom par de anos sem criar nada de novo, rodando o mundo para defender causas ecológicas, da libertação africana à indígena, capitalizando simpatias para suas carreiras, enquanto decidem que rumo musical tomar. Numa linha ligeiramente diferente, Paul Simon e David Byrne reconheceram a crise e vão à luta, atrás de novas sonoridades afro-brasileiras, para temperar sua música ("Graceland" e "Rei Momo").

Milton tem alguns pontos em comum com todos eles.

e algumas vantagens. É um artista consagrado que passou anos se repetindo, até retomar seu trabalho original há dois anos, com "Yauaretê", e dar uma dose extra de musicalidade no encontro com Herbie Hancock em "Miltons". Depois das consequências de sua vinculação à campanha das Diretas Já e de Tancredo, preferiu retirar-se da política, digamos, partidária, para lutar por causas universais onde seu prestígio não possa ser questionado por vices mal escolhidos.

Nessa cruzada ecológica internacional tem a vantagem de, ao contrário de Sting e Peter Gabriel, estar mais próximo da Floresta Amazônica e dos índios que inspiraram

o movimento internacional.

Resultado de uma viagem e muitas conversas sobre a vida de índios e seringueiros, "Txai" tem ótimas chances no mercado internacional, pois, além de mostrar cinco temas originais dos índios, tem, nas composições de Milton e parceiros, uma sonoridade "primitiva", aliada a um tratamento musical sofisticado.

Os exemplos mais evidentes são as músicas "Benke" (Milton/Márcio Borges) e "A Terceira Margem do Rio" (Milton/Caetano), onde belíssimos arranjos de cordas de Wagner Tiso emolduram sonoridades quase primitivas, num resultado estimulante. Mesmo assim, o disco inteiro parece pedir a presença do Uakti — sem dúvida, os músicos que fazem esta ponte com maior eficiência e originalidade.

Comparado com os dois melhores exemplos de casamento entre sonoridades urbanas e indígenas, que são "Sol do Meio-Dia", lançado por Egberto Gismonti em 1978, e "Olho D'Água", de Marliu Miranda, editado em '79, "Txai" não consegue a intimidade do primeiro nem o vigor do segundo. O disco, onde, sintomaticamente, Milton revigora suas parcerias ("Txai", na língua dos Kaxinawa, quer dizer "companheiro") com Fernando Brant, Márcio Borges e Ronaldo Bastos, é uma celebração à confraternização, ao

amor, à natureza geralmente feita em letras sem sofisticação, às vezes com exagero: "Neste pedaço em meu ser/ Tua presença vai bater" (Márcio Borges, em "Txai"); "Nunca é igual/ se for bem natural/ se for de coração" (Fernando Brant, em "Coisas da Vida").

O melhor resultado poético é conseguido por Caetano Veloso, em "A Terceira Margem do Rio", que abre o segundo lado com tons rosianos — "Margem da palavra/ Entre as escuras duas/ Margens da palavra/ Clareira, luz madura" —, e "Que Virá Dessa Escuridão?", de Fernando Brant, que traduz o fascínio de Milton com os índios e as dificuldades de tradução desse fascínio: "Quero saber, mas sem matar/ o que já existe em mim/ quero conhecer seu mundo, sim/ se não for perder o meu mundo nu/ o meu mundo de fogo ou cru".

Quem resolveu isso bem foi Marliu, que há anos passa a maior parte do ano pesquisando sonoridades indígenas. Não é à toa que a melhor faixa do disco é justamente o duo Milton/Marliu em "Nozani Na", de Villa-Lobos e Roquete Pinto (?), que termina o segundo lado antes de "Baridjumokó", dos Kaxinawa, no único momento em que o som gravado em estúdio desliza calmamente, como um rio, no caminho do som da floresta.

